

Revista SBH

Saúde, Cultura e Atualizações
Ano 1 • n. 3 • 2014



O médico à procura do ser humano

**NAS PEGADAS
DOS IMORTAIS**

Albrecht von Haller

**ARTIGO DE
OPINIÃO**

Conhecimento da
arte é útil
ao médico?

BOLETIM SBH

- Incentivo o diagnóstico da Hepatite C
- Bolsa de estudos para intercâmbio na Itália
- Lançamento Congresso Brasileiro de Hepatologia 2015

Editor Revista SBH

Heitor Rosa

Colaboradores

João Galizzi Filho

Joffre Marcondes de Rezende

Rubem Alves (*In memoriam*)

Waldir Pedrosa Amorim

Colaboradores Convidados

Diretoria Biênio SBH 2014-2016

Presidente: Edison Roberto Parise

1º Vice Presidente: Cláudio G. Figueiredo Mendes

2º Vice Presidente: Deborah Maia Crespo

3º Vice Presidente: Helma Pinchemel Cotrim

Secretário Geral: Edna Strauss

Secretário Adjunto: Hugo Cheinquer

1º Tesoureiro: Isaac Altikes

2º Tesoureiro: Rodrigo Sebba Aires

Representante Junto à AMB: Edna Strauss

Comissão Título de Especialista

Francisco José Dutra Souto

André Castro Lyra

Leonardo de Lucca Schiavon

Comissão de Admissão

Fernando Wendhausen Portella

Cristiane Alves Villela Nogueira

João Luiz Pereira



Atha Comunicação e Editora

Coordenação editorial, planejamento,
criação e diagramaçãoJornalista responsável: Ana Carolina de Assis
latha@uol.com.br

O conteúdo dos artigos dessa publicação é de responsabilidade de seus autores, as opiniões apresentadas não refletem necessariamente a opinião desta publicação.



3 Carta do Editor

4 Editorial

5 Nas pegadas dos Imortais

Albrecht von Haller

8 Homenagem

O médico à procura do ser humano

10 Linguagem Médica

Schistosomose, Schistosomíase,
Esquistossomose, Esquistossomíase

12 Crônica

Saudades da Mulher

14 Momento poético

Walt Whitman, um poeta notável

18 Artigo de Opinião

O conhecimento da arte é útil ao médico?

21 Boletim SBH



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Colegas,

Qualquer editor se sente feliz e realizado quando consegue reunir no número de uma nova revista um altíssimo grau de textos intelectuais, inteligentes, descontraídos, didáticos e, sobretudo, humanos. É isso que lhes oferecemos. Refinados escritores de várias áreas, que formam um conjunto poucas vezes reunido.

O Prof. Joffre, mestre da linguagem médica, nos presenteia com uma brilhante lição sobre as diferentes formas de dizer ou escrever “shistosomose”. Coisas que não se aprende na escola, a erudição entregue com simplicidade a professores e conferencistas.

João Galizzi mostra, cada vez mais, ter um perfil de historiador da medicina. Sai do lugar comum e nos apresenta personagens que provavelmente não suspeitaríamos de sua contribuição à hepatologia, mesmo porque antes do século XX não existia “hepatologia”. Elegante em bela e didática linguagem sobre... Albrecht von Haller.

Waldir Pedrosa reafirma seu bom gosto poético, com textos e poemas invulgares. Ao apresentar Walt Whitman, dá oportunidade, para aqueles que não o conhecem, de saborear o alimento poético de um dos ícones da poesia ocidental. Não pode deixar de ser lido.

Miguel Carneiro de Moura, de Lisboa, nos honra com seu artigo de opinião. Sem dúvida, um dos mais cultos e prestigiosos intelectuais da refinada cultura portuguesa. É tão íntimo de apreciação teatral, musical (instrumental ou operística), museológica, entre outras, quanto da sua posição em hepatologia e medicina nuclear.

Com muito amor, publicamos uma memória póstuma de Rubem Alves, um texto que é uma obra-prima, atual, contendo tudo que desejamos dizer. Um texto para ser distribuído em escolas médicas, hospitais e onde mais houver médicos.

Finalmente, espero que gostem da minha crônica sobre a saudade de uma mulher querida.

Abraços

Heitor Rosa
Editor



Edna Strauss
Secretária Geral da SBH
2014/2016.
Hepatologista do Hospital
do Coração.

Prezados,

Fui surpreendida com o pedido de Parise e Heitor Rosa para coordenar a edição dos assuntos a serem publicados em nossa Revista, na sessão Boletim. Pensei com meus botões: “Já fiz boletins durante meus períodos de presidência nas Sociedades Latinoamericana, Brasileira e Paulista - achei que tinha esgotado minha cota”. Mas, plagiando Chico Buarque, “como era de costume, obedeci...”

Começando do princípio, apesar de estar na SBH desde seu primeiro evento em Caxambu, 1969, quando Luiz Caetano lançou seu livro sobre Cirrose Hepática, onde hepatite por vírus era um dos “possíveis” fatores etiológicos dessa fase final das hepatopatias, não me recordo desde quando são elaborados e distribuídos boletins informativos aos sócios.

Nos arquivos da SBH consta que Heitor Rosa foi editor do Boletim da SBH em 1992. Consta também que a partir de 1996 assumiu essa função nosso querido José Laurentys de Medeiros, excelente hepatologista, professor de semiologia na Universidade de Minas Gerais, um idealista incansável que se orgulhava de nunca ter perdido um congresso da SBH e se relacionava muito bem com todos os hepatologistas dos diversos Estados do País. A doença prolongada de Laurentys não diminuiu seu entusiasmo em continuar responsável pelo Boletim, e só foi substituído após sua morte.

Auxiliando Laurentys com o Boletim e buscando inovar com a inclusão de crônicas e outros relatos fui eu quem convidou Mário Reis a escrever sobre uma tumultuada viagem nossa de trem para o Congresso Americano em Boston, ficando muito bem impressionada com seu estilo. Posteriormente, como secretário na diretoria da SBH durante a presidência de Henrique Sergio, lhe foi dada a incumbência de ser o editor do Boletim da SBH. Ele inovou e agradou, expandindo-o quase ao formato de revista, com uma mescla de diferentes temas. Daí nossa inspiração para a criação da Revista, nos moldes já usados para a FBG, sob direção de Heitor Rosa. Com a competência de sempre, ele e sua equipe vêm exercendo essa função para nosso deleite trimestral. Neste número do Boletim, além de mantermos os sócios informados das realizações múltiplas de nosso dinâmico e incansável presidente e estimulá-los a participar das próximas atividades, focaremos os preparativos do XXIII Congresso da SBH, que será realizado em São Paulo, de 30 de setembro a 3 de outubro de 2015 no Centro de Convenções do World Trade Center (WTC), junto ao Hotel Sheraton, com uma grande rede hoteleira nas proximidades. Temos a alegria e a honra de informar ainda que o 10th *International Symposium on Alcoholic Liver and Pancreatic Diseases and Cirrhosis* (ISALPD/C) precede nosso Congresso, sendo uma atividade conjunta com o NIAAA, ramo do *National Institute of Health* (NIH) americano, e com a Universidade do Sul da Califórnia. Seus idealizadores nos têm sido de grande auxílio na escolha dos temas e na indicação das maiores autoridades mundiais para desenvolver aqui no Brasil o tema: Álcool, vírus e esteatose evoluindo para Câncer. Mesclando investigações básicas voltadas para os problemas clínicos e a atualização diagnóstica e terapêutica dessas doenças, temos certeza de satisfazer os mais exigentes e qualificados gastro-hepatologistas ou clínicos, que buscam um padrão internacional ao inscrever-se para um evento científico. No próximo Boletim, publicaremos o programa preliminar completo desse curso traduzido para o português.

Até lá!

Edna Strauss
Secretária Geral da SBH



Albrecht von Haller



João Golizzi Filho

Hepatologista mineiro, estudioso da história desta especialidade, conta sobre os grandes personagens da Hepatologia mundial.

“**E**stá bem, Vic! Vamos trazer uma pele bem felpuda pra você se proteger do frio...” A despedida dos amigos de partida para mais uma empreitada nos Alpes suíços entre rebanhos de carneiros parecia já não incomodar tanto o jovem Victor que, anos mais tarde, em 1732, exaltaria as montanhas de forma poética em sua obra *Die Alpen*.

Nascido em Berna, na Suíça, em 16 de outubro de 1708, Victor Albrecht Haller era franzino e tímido, sofrendo frequentes crises de “cefaleia” e, anos mais tarde, de “gota, dispepsia, tonturas e melancolia”. Era o caçula de cinco irmãos, numa família que não era rica nem muito relacionada, não tendo também influência política, embora fosse antiga em Berna. Com poucos anos de idade, perdeu a mãe, Ana Maria Engel, sendo criado pela madrastra Salome Neuhaus. Tinha apenas 13 anos quando seu pai, o jurista Niklaus Emanuel Haller, também faleceu. Tais fatos certamente ajudam a compreender o temperamento introspectivo, a personalidade cheia de elementos conflitantes e a postura diante da vida, com a impressionante sede de conquistas nos campos da anatomia, fisiologia, medicina, botânica, poesia e bibliografia científica.

A saúde fragilizada limitava sua participação em atividades físicas próprias da idade e o conduzia a atividades mais intelectuais, contribuindo para o desenvolvimento precoce de sua mente privilegiada. Residindo na casa de um médico clínico após a morte do pai, decidiu estudar medicina e, aos 16 anos, em dezembro de 1723, o frágil e tímido jovem ingressou na Universidade de Tubingen. Insatisfeito com seu aprendizado, decidiu transferir-se, em 1725, para a Universidade de Leiden, então um centro médico de muito prestígio, onde reinava absoluto o clínico Herman Boerhaave, com quem aprendeu a prática médica

baseada nos ensinamentos hipocráticos e em testes e estudos experimentais. Com Bernhard Albinus, reconhecido mestre em Anatomia Topográfica, iniciou-se nessa área. Graduou-se médico em maio de 1727, após elaborar tese demonstrando que o chamado “ducto salivar”, considerado como descoberta recente de Coschwitz, era, em verdade, um vaso sanguíneo. Haller viajou então a Londres, Inglaterra, estabelecendo contato com cientistas de destaque como Sir Hans Sloane, Cheselden, Pringle, Douglas e outros. De lá foi a Oxford, de onde rumou a Paris, estagiando sob orientação de Ledran e Winslow. Ainda aos 20 anos de idade, já na Basileia, estudou alta matemática sob orientação de John Bernoulli. Nessa época passou a se interessar por botânica, começando a colecionar plantas em viagens através de Savoy, Baden e vários distritos suíços. As experiências pelos Alpes resultaram no mencionado *Die Alpen*, poema com 490 versos hexâmetros que aborda o contraste entre a vida simples e romântica dos habitantes dos Alpes e os vícios da decadente sociedade nas regiões planas. Tal obra adquiriu importância histórica como uma das primeiras manifestações do crescente apreço pelas montanhas, até então vistas como “monstruosidades”.

Haller foi pioneiro no reconhecimento dos mecanismos da respiração e do funcionamento autônomo do coração, fazendo também descrições originais do desenvolvimento embrionário

De volta a Berna em 1729, iniciou atividades como médico clínico, mas dedicando-se, sobretudo, às pesquisas em anatomia e botânica, que lhe proporcionaram rápida reputação na Europa e um convite, em 1736, para assumir a cadeira de Medicina, Anatomia, Cirurgia e Botânica na Universidade de Gottingen, recentemente fundada. Tornando-se FRS (Fellow of the Royal Society) em 1743. Foi titulado em 1749, passando a chamar-se *von Haller*. Como professor em Gottingen desenvolveu extraordinária relação de trabalhos acadêmicos e experimentos biológicos em fisiologia, anatomia e botânica assumindo, também, a organização de um jardim botânico, de um teatro e museu de anatomia, de uma escola de obstetrícia e de outras instituições similares. Suas investigações

originais resultaram em inúmeros epônimos.

Haller foi pioneiro no reconhecimento dos mecanismos da respiração e do funcionamento autônomo do coração, fazendo também descrições originais do desenvolvimento embrionário. Desenvolveu estudos em teratologia e baseou-se na anatomia de dois irmãos siameses que tinham o coração em comum para provar que o sangue não conduzia os humores e a consciência. Seus estudos sobre as funções cardíacas produziram precisa descrição dos mecanismos de contração dos átrios e dos ventrículos.

Sintetizou ainda estudos anatômicos sobre os órgãos genitais, sobre as estruturas cerebrais e do sistema cardiovascular. Conduziu investigações de grande importância na compreensão das atividades dos nervos e dos músculos, tomando como referência 567 experimentos, um terço dos quais desenvolvidos por ele próprio. Suas observações de que um leve estímulo aplicado diretamente no músculo causava súbita contração demonstraram que a irritabilidade era uma propriedade específica dos músculos. Por outro lado, um estímulo aplicado em um nervo não o modificava de modo perceptível, mas causava contração do músculo a ele ligado, indicando que o nervo transmitia impulsos que produziam sensação. A sensibilidade era, portanto, propriedade específica dos nervos. O tema da irritabilidade dos tecidos já havia sido abordado por Francis Glisson um século antes, mas os trabalhos de Haller esclareceram de modo mais completo as ações de nervos e músculos, estabelecendo as bases da neurologia moderna.

Paralelamente às atividades científico-acadêmicas, encontrava tempo para dedicar-se aos poemas, analisar questões religiosas



“Apesar do grande êxito profissional e do profundo envolvimento com o trabalho, Albrecht von Haller sonhava em retornar a cidade natal”



de sua época e editar um jornal mensal, o *Gottingische Gelehrte Anzeigen*, para o qual teria contribuído com numerosos artigos sobre quase todos os ramos do conhecimento humano. Apesar do grande êxito profissional e do profundo envolvimento com o trabalho, Albrecht von Haller sonhava em retornar a cidade natal, onde havia sido eleito membro do Conselho Administrativo em 1745. Assim sendo, chocou grande parte da comunidade acadêmica europeia ao demitir-se da cátedra em 1753, aos 45 anos de idade, retornando a Berna. Passou então a dedicar-se à prática clínica e ao preparo de sua *Bibliothecae Medicinae Practicae*, catalogando a literatura científica e listando 52.000 publicações sobre Anatomia, Botânica, Cirurgia e Medicina. Estudando a vegetação de seu país desenvolveu um sistema de classificação botânica considerado mais apropriado que o do sueco Carolus Linnaeus, o “pai da moderna taxonomia”.

Publicou, em 1764, uma imensa enciclopédia – *Elementa Physiologiae Corporis Humani* – que abordava criticamente, no volume 6, a hepatologia no século XVIII, revisando conceitos e descobertas antigas e refutando hipóteses especulativas e dogmáticas. Priorizava os conhecimentos sólidos, muitos deles baseados em experimentos de sua autoria, procurando estabelecer um padrão do que seria, na época, uma “Hepatologia baseada em evidências”. Nesse grandioso trabalho, refutava a teoria da hematopoeia no fígado. Numa época em que a formação da bile era considerada como a principal função do órgão, demonstrou sua importância na digestão das gorduras. Haller foi ainda pioneiro na descrição das variantes da

artéria hepática, da fisiopatologia da icterícia obstrutiva e da insensibilidade do parênquima hepático à dor. Seus estudos sobre embriologia mostraram que os ramos da veia umbilical dirigindo-se para o fígado fetal correspondiam, no desenvolvimento subsequente, aos ramos da veia porta.

Desempenhou também funções político-administrativas em sua cidade e ainda escreveu três romances filosóficos, *Usong*, *Alfred* e *Fabius und Cato* em 1771, 1773 e 1774, respectivamente, analisando criticamente o despotismo, a monarquia limitada e o governo republicano aristocrático. Sua saúde tornava-se progressivamente comprometida, levando-o a se afastar das atividades públicas em 1773. Fazia uso regular de ópio para conseguir manter o ritmo de atividades, tornando-se dependente. Chegou a apresentar trabalho científico sobre a dependência ao ópio nos *Proceedings* da *Gottingen Royal Society*. O consumo continuado e excessivo parece ter acelerado sua evolução para o óbito, em 17 de dezembro de 1777. Haller foi casado três vezes, tendo as duas primeiras esposas falecido precocemente. Deixou oito filhos.

Por sua impressionante contribuição às áreas de conhecimento mencionadas, Albrecht von Haller foi considerado “o pai da fisiologia experimental” no século XVIII.

Referências

1. E. Kuntz and H. –D. Kuntz. Hepatology. Principles and Practice. 2nd Ed. Springer Medizin Verlag Heidelberg 2006.
2. F.H. Franken. “History of Hepatology” in Csomós et al.(eds) Clinical Hepatology. Springer-Verlag Berlin Heidelberg 1983.
3. WhoNamedit. Albrecht von Haller
4. Encyclopaedia Britannica. Albrecht von Haller
5. J. Christian Bay. Albrecht von Haller. Medical Encyclopedist. Bull Med Libr Assoc. 1960; 48(4): 393–403.
6. H. Buess. Albrecht von haller and his ‘elementa physiologiae’ as the beginning of pathological physiology. Med Hist 1959; 3(2): 123–31.
7. “Haller, (Victor) Albrecht von.” Complete Dictionary of Scientific Biography. 2008. Encyclopedia.com.



O médico à procura do ser humano



Rubem Alves

Bacharel em teologia, Mestre em Teologia e Doutor em Filosofia [PhD] pelo Seminário Teológico de Princeton [EUA] e Psicanalista. Professor Emérito pela Unicamp. É um dos escritores brasileiros mais importantes da atualidade, com mais de 70 livros publicados, tais como crônicas, ensaios e contos, além de ser ele mesmo o tema de diversas teses, dissertações e monografias.

Antigamente a simples presença do médico irradiava vida. Antigamente os médicos eram também feiticeiros. “Mestre, diga uma única palavra, e minha filha será curada...”. A vida circulava nas relações de afeto que ligavam o médico àqueles que o cercavam. Naquele tempo os médicos sabiam dessas coisas. Hoje não sabem mais.

Aquele médico ao lado da menina: não se parece ele com um cavaleiro solitário que vai sozinho lutar contra a morte? Naquele tempo os médicos sabiam qual era o seu destino. Havia muito sofrimento, sim. Havia muito medo, sim. Medo e sofrimento são parte da substância da vida. Mas nunca soube de um médico que ficasse estressado. Não são as batalhas que produzem o estresse. As batalhas, ao contrário, dão coesão, pureza, integração ao corpo e à alma. O cavaleiro solitário é um herói com o corpo coberto de cicatrizes, mas de alma inteira. Os estressados são aqueles que, sem ter uma batalha a travar, são puxados em todas as direções por uma legião de demônios.

A imagem do cavaleiro solitário que luta contra a morte é uma imagem romântica. Bela. Comovente. Quem não desejaria ser assim? Criticam o romantismo. Fernando Pessoa comenta: mas não é verdade que a alma é incuravelmente romântica? O médico de antigamente era um herói romântico, vestido de branco. As jovens donzelas e as mulheres casadas suspiravam ao vê-lo passar. Ainda bem que a consulta permitia o gozo puro do toque de sua mão...

O cavaleiro solitário que luta contra a morte é um santo. Quem, jamais, ousaria pensar qualquer coisa de mau contra o médico? Hoje são comuns os processos contra os médicos por imperícia. Ser médico transformou-se num risco. Porque ninguém mais acredita na sua santidade. Talvez porque eles tenham deixado de ser santos... Mas naquele tempo as pessoas julgavam que o médico era um santo, e porque as pessoas pensavam assim, eles eram santos.

Eu me apaixonei pela imagem. Queria ser feiticeiro. Queria ser o cavaleiro solitário que luta contra a morte. Queria ser o santo. E esse ideal, para mim, não era uma abstração. Ele tinha um nome: Albert Schweitzer – um dos homens mais geniais do século XX. Organista, escritor, teólogo, fez um trato com Deus: até os 30 anos, faria essas coisas que lhe davam prazer cultural. Depois, iria se dedicar inteiramente aos sofredores. Entrou para a escola de medicina aos 30 e, depois de médico,

“Claro, nunca ficou rico. Nem teve estresse. Sua bela imagem o fazia feliz. Ganhou o Prêmio Nobel da Paz”

passou o resto da vida num lugar perdido das selvas africanas, onde construiu um hospital de madeira e sapé, onde distribuía alívio da dor. Claro, nunca ficou rico. Nem teve estresse. Sua bela imagem o fazia feliz. Ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Não fui médico. Mas segui pela vida encantado por aquele quadro. O encanto foi quebrado quando fui fazer meu doutoramento nos Estados Unidos. Um dia fui ouvir uma palestra do diretor do hospital de Princeton, NJ, onde eu estudava. Ele começou sua preleção com esta afirmação que estilhaçou o quadro: “O hospital de Princeton é uma empresa que vende serviços”. “Meu Deus!”, pensei, “Aquele médico não existe mais!”. E percebi que, agora, os médicos se encontram lado a lado com os prestadores de serviços, os encanadores, os eletricitas, os vendedores de seguro, os agentes funerários, os motoristas de taxi. É só procurar na lista de classificados. A presença mágica já não existe. O médico é um profissional como os outros. Perdeu sua aura sagrada. E me veio, então, uma definição do médico compatível com a definição que o diretor dera para o hospital de Princeton: “um médico é uma unidade biopsicológica móvel, portadora de

conhecimentos especializados, e que vende serviços”.

Essa imagem, em absoluta conformidade com as condições sociais e econômicas do mundo moderno, não fez nada comigo. Não me comoveu. Não desejei ser igual.

O mito de Narciso, eu acho, é o mito mais profundo. Todos nós, como Narciso estamos em busca de nossa bela imagem. Mas para ver a nossa imagem temos necessidade de espelhos. Espelhos são os outros. É no rosto dos outros que vemos a nossa própria imagem refletida. Nos tempos antigos todas as pessoas eram espelhos para o médico. Todos o conheciam. Todos olhavam para ele com admiração. Hoje, morto o médico do quadro, o médico é agora procurado não por ser conhecido, mas por constar no catálogo do convênio.

Seus espelhos não são mais os clientes, parentes, todo mundo. São os seus pares: colegas de empresa, sócios de consultório, congressos. Perigosas, essas relações entre pares. O primeiro assassinato registrado foi de um irmão que matou o irmão. A relação do médico antigo com seus espelhos era uma relação de gratidão e admiração. A relação do médico de hoje com seus espelhos é uma relação de inveja e competição. Acho que os médicos, hoje, são infelizes por causa disto: eles resolveram ser médicos por desejar ser belos como o cavaleiro solitário, puros como o santo e admirados como o feiticeiro. Era isso que estava dentro deles, ao tomarem a decisão de estudar medicina. E é isso que continua a viver na sua alma, como saudade...

É. A vida lhes pregou uma peça. E hoje a imagem que eles veem, refletida no espelho, é de uma unidade biopsicológica móvel, portadora de conhecimentos especializados, e que vende serviços... Os médicos sofrem por saudade de uma imagem que não existe mais.

Referências

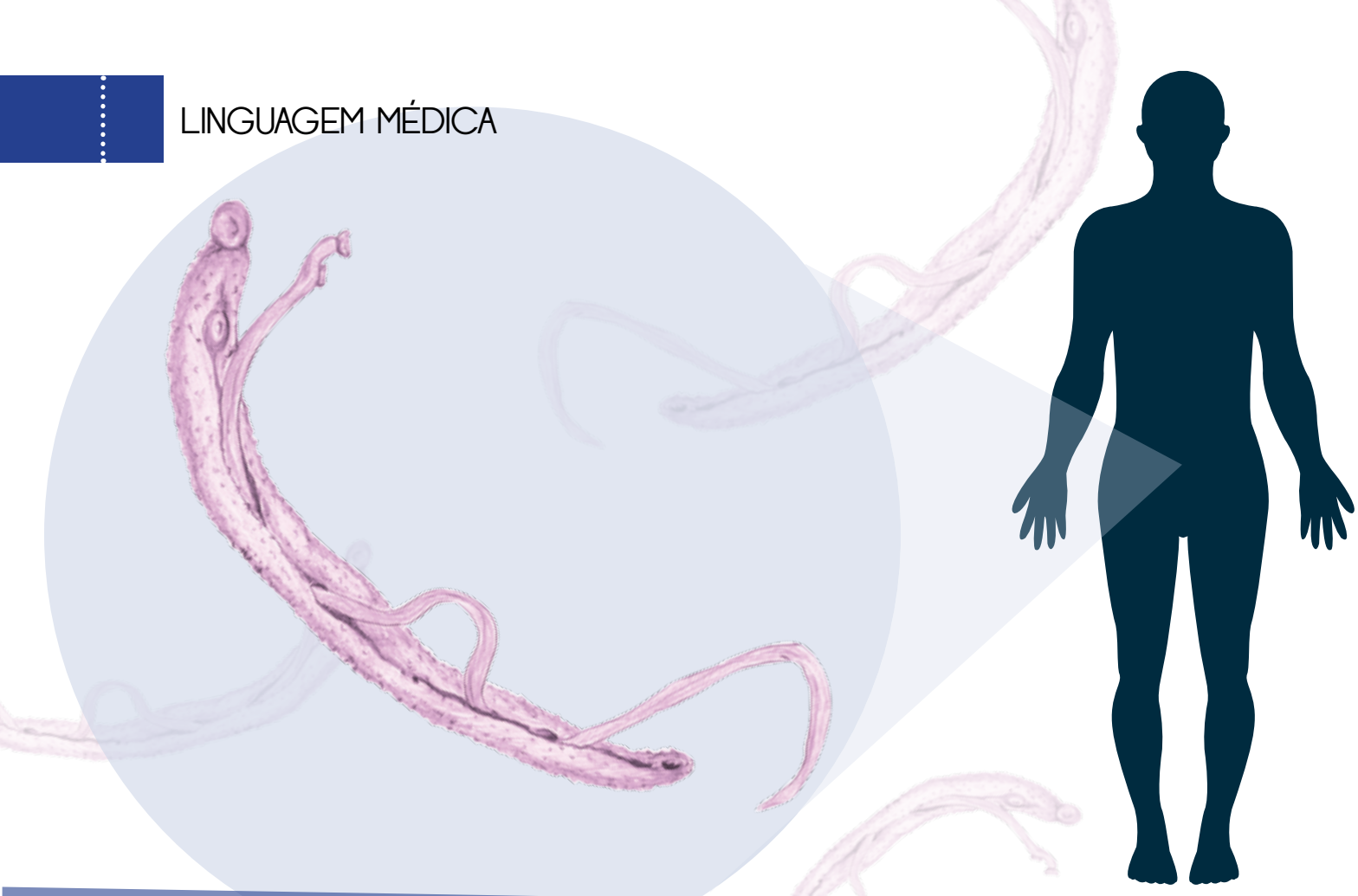
1. Alves R. O Médico. Campinas: Ed. Papirus.

HOMENAGEM A RUBEM ALVES

Esta revista teve um privilégio que poucas conseguiram: a colaboração, que pretendia ser efetiva, deste grande homem de mil facetas, Rubem Alves. Digo pretendia, pois o destino permitiu que apenas um artigo fosse publicado, pouco antes de sua morte. Todos que assistiram ao noticiário midiático testemunharam a comoção no mundo intelectual brasileiro, lamentando a partida do mestre. Pouco antes de sua internação, Rubem enviou-me um e-mail no qual me concedia a permissão para publicar na

revista qualquer de seus artigos. Como uma afetiva e respeitosa homenagem ao querido Rubem, publicamos um texto já editado, como registro dos sentimentos e o agradecimento da SBH pela honra e significado de sua curta, porém perene presença entre nossos colaboradores. O artigo acima, uma obra-prima de Rubem Alves, deve ser leitura obrigatória de professores e alunos de medicina que buscam a dignidade que o Estado quer nos roubar.

Heitor Rosa – Editor



Schistosomose, Schistosomíase, Esquistossomose, Esquistossomíase



Joffre Marcondes de Rezende
Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade
Federal de Goiás. Membro da Sociedade Brasileira de
História da Medicina.

Como devemos nomear a doença produzida pelo *Schistosoma mansoni*? Nada menos do que doze formas diferentes da mesma palavra já foram empregadas para esse fim. A razão dessa pluralidade de formas decorre das variantes possíveis em relação aos três elementos constitutivos do vocábulo.

Schistosoma foi o nome dado por Weinland, em 1858, ao trematódeo descrito por Bilharz em 1852, com a denominação *Distoma haematobia*. Manson, em 1892, baseado na morfologia dos ovos, postulou a existência de mais de uma espécie, o que levou Sambon, em 1907, a propor o nome de *Schistosoma mansoni* para a espécie com ovos de esporão lateral.

Coube a Pirajá da Silva descrever os primeiros casos no Brasil e identificar como *Schistosoma mansoni* a espécie ocorrente em nosso país. Em seus primeiros trabalhos, publicados em 1908, referiu-se à “*Schistosomíase na Bahia*”¹ No mesmo ano, em artigo redigido em francês e publicado na França, utilizou *Schistosomose*, forma que passou a adotar em português em publicações posteriores.² Desde então usou-se tanto *schistosomíase* como *schistosomose*, predominando esta última forma.

O primeiro trabalho em que aparece a forma *esquistossomose* (com um único S) data de 1922 e é de autoria de Martagão Gesteira.³

Esquistossomose (com duplo S) é forma mais recente, sendo encontrada em trabalhos posteriores a 1940.

Paralelamente, outras formas gráficas foram sendo cunhadas, embora de uso mais restrito. Compulsando-se a *Bibliografia Brasileira Sobre Esquistossomose*, organizada por Sant'Ana e Rebouças⁴, tem-se uma ideia precisa de como evoluiu a representação gráfica da palavra *schistosomose*.



Em 160 publicações diversas sobre o assunto, anteriores a 1950, encontramos a seguinte frequência para as diferentes formas:

Schistosomose	54 (33,7%)	Esquistossomíase	5 (3,1%)
Esquistossomose	45 (28,1%)	Eschistosomíase	2 (1,2%)
Esquistossomíase	18 (11,2%)	Schistosomatose	2 (1,2%)
Schistosomose	13 (8,1%)	Chistosomose	1 (0,6%)
Schistosomíase	11 (6,9%)	Xistosomose	1 (0,6%)
Esquistossomose	7 (4,4%)	Quistosomose	1 (0,6%)

Teoricamente, outras formas seriam possíveis, porém não foram utilizadas, tais como *schistosomíase*, *eschistosomose*, *eschistosomíase*, *chistosomíase*, *chistosomose*, *chistosomíase*, *xistosomíase*, *xistosomose*, *xistosomíase*.

Schistosomose deriva do grego *schistós*, fendido, + *sôma*, corpo, + sufixo *-ase*. *Schistós*, em alfabeto grego, se escreve com a letra X (khi). O grupo consonantal *sigma-khi* da língua grega evoluiu foneticamente em latim e português de três maneiras diferentes: para X, como em *xisto* (*schisto*); para C, como em *cisma* (*schisma*) e, mais comumente, para o som gutural outrora representado por *ch* e, após a simplificação ortográfica, por *qu*, como na palavra *esquema* (*schema*), em que o S inicial passou a ser representado por *es*. Daí as possibilidades de se escrever *shistosomose* de diversos modos.

A partir de 1950, por influência, provavelmente, da reforma ortográfica de 1943, muitas das formas citadas foram sendo abandonadas.

De 1950 a 1960, dentre 339 trabalhos de diferentes autores, encontramos a seguinte distribuição:

Schistosomose	9 (2,7%)	Esquistossomose	257 (75,8%)
Schistosomíase	1 (0,2%)	Esquistossomíase	13 (3,8%)
Esquistossomose	42 (12,4%)	Esquistossomíase	17 (5%)

Estas seis formas remanescentes praticamente reduzem-se a duas na década seguinte: *esquistossomose*, com uma frequência de 93,7% e *esquistossomíase*, com 6,3%, do total de

240 publicações. Verifica-se, por conseguinte, a tendência de sobreviver apenas a forma *esquistossomose*, que, a meu ver, não representa a melhor solução do ponto de vista da nomenclatura nosológica.

A duplicação do S não é obrigatória nas palavras formadas com o elemento grego *sôma*. No caso em tela, porém, não se trata de duplicação, e sim justaposição do S final de *schistós* com o S inicial de *sôma*.

Se não bastassem razões históricas, o termo designativo de uma doença parasitária deveria ter, sempre que possível, figuração visual capaz de evocar o agente etiológico.

No caso, o agente etiológico é o *Schistosoma*, e *schistosomose* atende melhor a este requisito do que *esquistossomose* ou qualquer outra forma que se queira adotar.

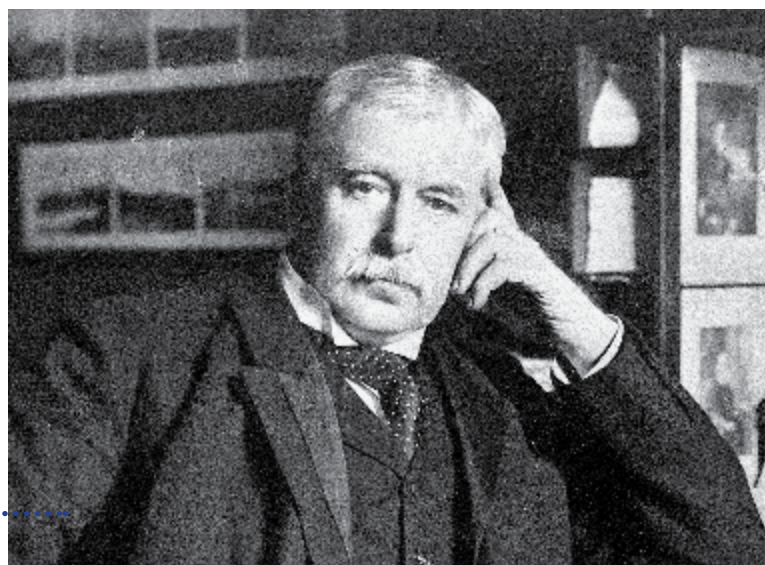
Poder-se-ia argumentar que a nomenclatura binária é escrita em latim e que o nome do trematódeo também deverá ser aportuguesado sempre que a ele nos referirmos de modo genérico, ou seja, *esquistossomo* em lugar de *schistosoma* (como, aliás, se encontra em alguns léxicos e em algumas publicações médicas). Assim escrito – *esquistossomo* – o trematódeo perde sua própria identidade.

Parece-me apropriado proceder neste caso de acordo com a orientação seguida com relação a topônimos e antropônimos: respeitar sempre que possível a grafia original para não descaracterizar a palavra em seu aspecto mórfico, em sua imagem visual. Todavia, este é um ponto de vista estritamente pessoal, e aqueles que optarem por *esquistossomo* e *esquistossomose* estarão de acordo com a grande maioria dos autores e com a tendência modernizante da língua.

O emprego alternativo dos sufixos *-ose* ou *-íase* deveria pelo menos seguir a padronização da Nomenclatura Internacional de Doenças adotada pela Organização Mundial de Saúde, que optou por *Schistosomiasis* em lugar de *shistosomosis*.⁵

Referências

1. Silva JR. Estudo clínico da esquistossomose, 1949.
2. Santos IB. Vida e obra de Pirajá da Silva, 1977, p. 55.
3. Gesteira M. Brasil Med. 1922;36A:230-233.
4. Sant'ana EP, Rebouças G. Bibliografia brasileira sobre esquistossomose, 1970.
5. CIOMS/OMS. International Nomenclature of Diseases, vol. II, part 4, p. 35.



CRÔNICA



Saudades da mulher



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Você já ficou longe de sua mulher por longo tempo? Eu já. Em determinado momento você precisa desabafar, trocar confidências. Assim, reuni todos os meus sentimentos numa folha de papel, dobrei-a e coloquei no bolso. Saí para pensar. Foi aí que a vi. Era uma bicha. Por que não? Cedi ao impulso e a procurei. Ela não se importou, estava acostumada com clientes e os aceitava da forma mais natural possível.

Explico melhor.

Encontrava-me sozinho naquela cidade desconhecida; sem amigos e sem amigas.

Como eu disse, vi-a. Estava na calçada, com seu andar indeciso, às vezes ondulante, mas, sem dúvida, uma bicha

Durante aqueles vinte dias de solidão conjugal, isolei-me na biblioteca onde fazia pesquisa, tendo apenas os livros por companhia. Foi lá que escrevi uma longa carta de saudades para minha mulher e com a folha fui para a rua. Era meio-dia e eu daria tudo para ter alguém para almoçar comigo.

Como eu disse, vi-a. Estava na calçada, com seu andar indeciso, às vezes ondulante, mas, sem dúvida, uma bicha. Eu, que não sou de curtir bichas, talvez por puro preconceito, porém agora a via como alternativa; junto a ela provavelmente não me sentiria tão só. Olhei-a para não ter dúvidas; era

a “minha” bicha. Compridona, maior do que o necessário, mas, no momento, o que importava?

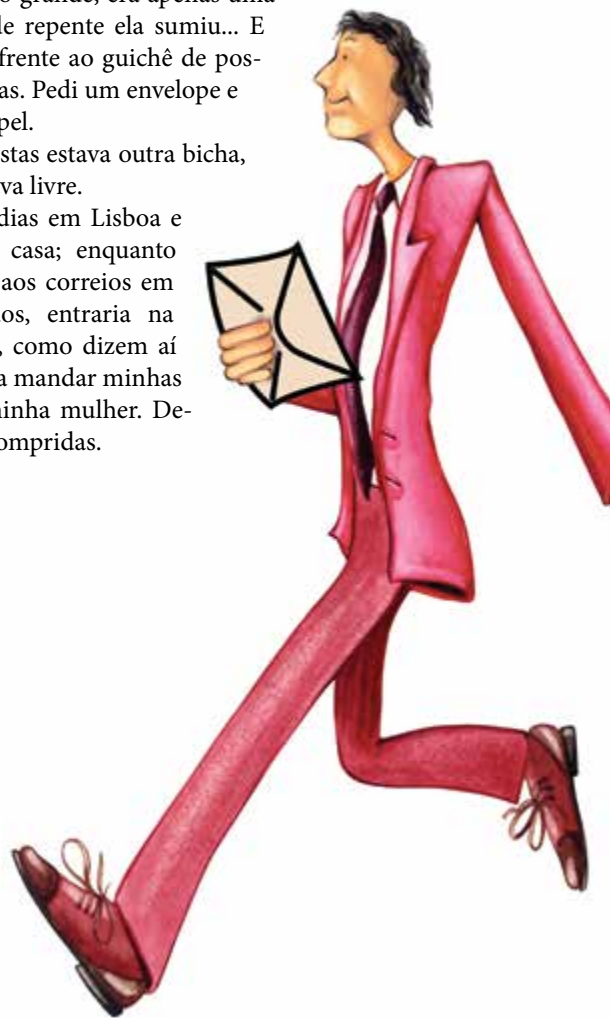
Tentei não abordá-la na calçada, inconscientemente temendo ser visto por conhecidos, como se eu estivesse em minha cidade! Deixei para alcançá-la dentro do prédio, longe do sol e, quem sabe, mais confortável.

Não a imaginava tão dócil e tão fácil. Quando me aproximei, ela parecia que já me esperava. Sem nada dizer, tomei-a por trás, num gesto silencioso de quem não se esperaria outra coisa. Devagar a penetrei no momento em que ela se abria para mim. Era uma bicha comprida e eu não sentia nenhum prazer naquilo; era apenas um ato necessário, pois eu estava há vinte dias sem minha mulher.

Com o passar dos minutos, minha ansiedade foi diminuindo; estava começando a me sentir cansado daquela posição, talvez pelo tempo sem fazer aquilo... Então, ela começou a se mexer cada vez mais depressa, quase sôfrega, sem querer me esperar. Agora ela já não me parecia tão grande, era apenas uma bichinha. E de repente ela sumiu... E eu fiquei em frente ao guichê de postagem de cartas. Pedi um envelope e coloquei o papel.

Às minhas costas estava outra bicha, mas eu já estava livre.

Mais quinze dias em Lisboa e voltaria para casa; enquanto isso, eu viria aos correios em dias alternados, entraria na bicha, ou fila, como dizem aí no Brasil, para mandar minhas saudades à minha mulher. De-testo bichas compridas.



Walt Whitman um poeta notável



Waldir Pedrosa Amorim
Hepatologista, poeta de enorme
talento e cultura poética.

Walt Whitman, poeta notável, considerado por muitos como o pai do verso livre, jornalista, tipógrafo e editor, conheceu por dentro a guerra civil do seu país, impondo-se pela sua franqueza, frontalidade e radicalismo. De si próprio dizia: “Não sou traduzível, nem fui domesticado!”

Na realidade, um poeta de dimensão universal; transcendeu seu tempo, fundou uma poética que repercutiu além da poesia de língua inglesa.

Com uma produção publicada pela vez primeira às próprias expensas em 1855, se avolumando ao longo de suas nove edições subsequentes, sob o mesmo título, *Leaves of Grass*, traduzido no Brasil como *Folha de Relva* e em Portugal, numa edição de 2003, em verdade uma antologia, cuja seleção e tradução de José Agostinho Baptista, intitula-se *Folha de Erva*, editada pela Assírio e Alvim. O prefácio da edição original é um importante documento histórico da literatura norte-americana, contendo as ideias que fundamentaram a poesia e a atitude do poeta.

Considerado o grande poeta da Revolução Americana e da democracia, sua importância é comparável, *mutatis mutandis*, àquela do poeta Maiakovski para a Revolução Russa, ponto de vista endossado pelo poeta Paulo Leminski.

Uma poesia de uma vida inteira, penetrada por um lirismo profundo, uma incomensurável grandeza e beleza, obtida por poucos.

Versos livres, longos, possuem métrica, mas não rima; versos brancos imitam o ritmo da fala.

Descendente de ingleses e neerlandeses, nasceu em West Hills, na cidade de Huntington, no Estado de Nova York. Aos quatro anos de idade, sua família mudou-se para o Brooklyn, onde frequentou, até a idade de onze anos, uma escola pública; trabalhou em escritórios e depois como aprendiz numa tipografia, donde adveio-lhe também o aprendizado jornalístico. Atuou em vários jornais, ensinou em East Norwich, editou o semanário *Long Islander*, militou na política partidária e como jornalista na campanha presidencial de Van Buren.

Editou o *Freeman* de Brooklyn entre 1848 e 1849 e no ano seguinte montou uma tipografia e uma papelaria.

Entre 1863 e 1864, Whitman trabalhou para o Exército em Washington, DC, servindo, entretanto, como voluntário em hospi- tais militares

“Canção de Mim Mesmo, uma Elegia ao Eu” é tido como o poema primordial da obra *Leaves of Grass*, aquele no qual o poeta, parecendo traduzir-se, se disfarça. O livro como um todo, como veremos, é a obra central e mais importante de Whitman.

Em 1856 é publicada a segunda edição e, em 1860, a terceira, com a inclusão de 124 poemas novos. Além de revisões e mudanças, tônica de suas reedições, Whitman começou também a agrupar tematicamente seus poemas. Havia três conjuntos para essa nova edição: “Cálamo”, centrado na camaradagem da relação entre homens; “Descendentes de Adão”, na procriação, e “Repiques de Tambor”, sobre a nação em guerra. Foi acrescentado de uma edição especial, uma elegia ao presidente Lincoln: “Da Última Vez Que Lilases Floriram no Pátio”.

Por fim, entre 1891 e 1892 emerge aquela edição que será tida como a do leito de morte.

Alguns aspectos merecem menção. A primeira edição da obra mais importante da sua carreira não mencionava o nome do autor e continha apenas doze poemas e um prefácio, além de sua fotografia na capa.

A obra poética de Whitman centra-se na coletânea *Leaves of Grass*, dado que ao longo da sua vida o escritor se dedicou a rever e completar aquele livro, que teve nove edições durante a vida do poeta.

Em 1856 é publicada a segunda edição de *Leaves of Grass*, ostentando na capa o nome do seu autor e 32 poemas, intitulados e numerados. Entre eles encontrava-se “Poem of Walt

Whitman, an American”, o poema que haveria de se chamar “Song of Myself” (*Canto de Mim Mesmo*). Esse livro foi recebido com entusiasmo por alguns críticos, mas, mal recebido pela maioria, o que, contudo, não impediu Whitman de continuar a trabalhar em novos poemas para aquela coletânea.

Em 1860, em Boston, foi publicada a terceira edição da sua obra. Contudo, a editora foi à falência em 1861, e a edição, que continha 154 poemas, foi pirateada.

Entre 1863 e 1864, Whitman trabalhou para o Exército em Washington, DC, servindo, entretanto, como voluntário em hospitais militares. Regressou ao Brooklyn doente e com marcas de envelhecimento prematuro, causadas pela experiência da guerra civil.

Em 1865 publicou o livro *Drum-Taps*, que continha 53 poemas sobre a guerra civil e a experiência do autor nos hospitais militares.

Em 1867 foi publicada a quarta edição de *Leaves of Grass*, com oito novos poemas. No ano seguinte, saiu em Londres uma seleção de poemas de Michael Rossetti, intitulada *Poems by Walt Whitman*.

A quinta edição de *Leaves of Grass* (1870-1871) teve uma segunda tiragem que incluía “Passage to India” e mais 71 poemas, alguns dos quais inéditos.

Depois de publicar *Democratic Vistas*, Whitman viajou para Hannover, New Hampshire.

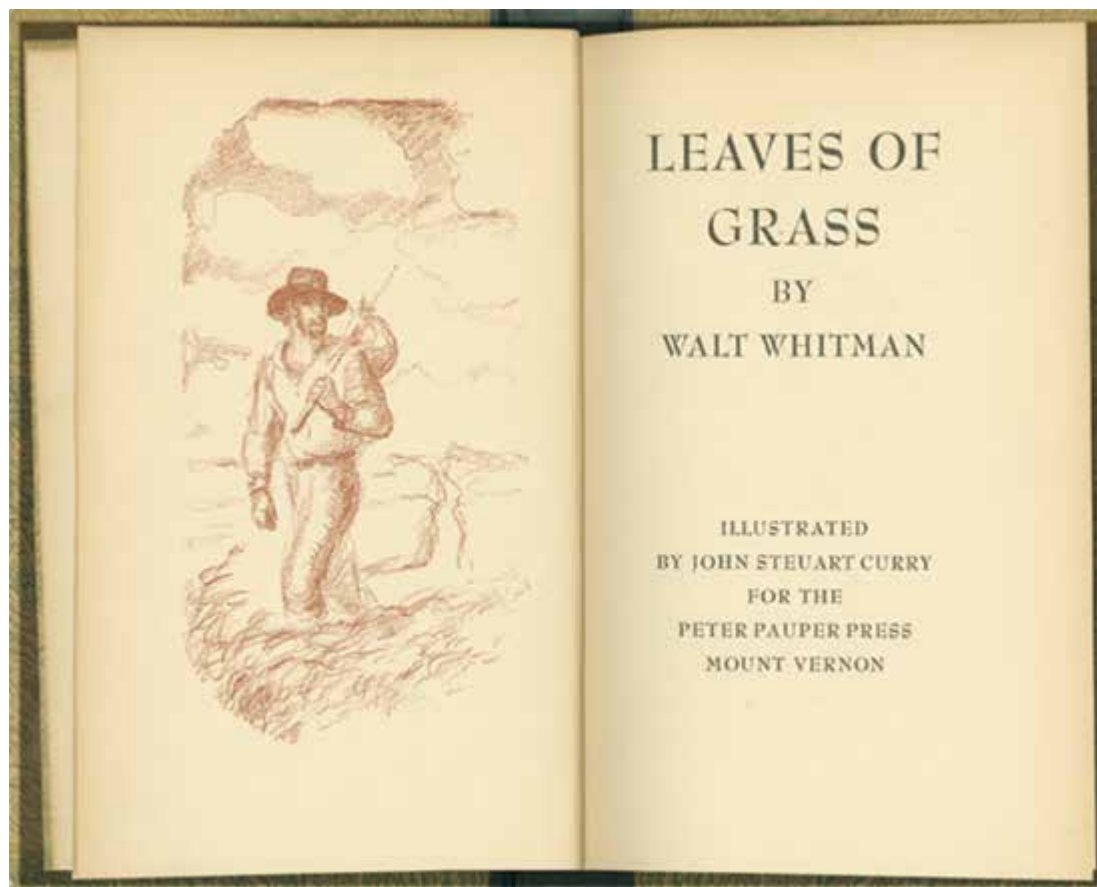
Na Faculdade de Dartmouth leu *As a Song Bird on Pinions Free*, posteriormente publicado com um prefácio.

Em janeiro de 1873, Whitman sofreu uma paralisia parcial. Pouco depois morreu a mãe, e o escritor deixou Washington para se fixar em Camden, New Jersey, com o irmão George.

Em 1876 surgiu a sexta edição de *Leaves of Grass*, publicada em dois volumes. Em agosto de 1880, Whitman reviu as provas da sétima edição de *Leaves of Grass*, e, sob ameaças do promotor público, teve de suspender a distribuição do livro. A edição só foi retomada dois anos mais tarde, por Rees Welsh e depois por David McKay. Incluía vinte poemas inéditos, os títulos definitivos e uma ordem dos poemas revista.



“Não sou tradu-
zível, nem fui
domesticado!”



Em 1882 foi, ainda, publicado o livro *Specimen Days and Collect*. Os últimos anos de vida de Whitman foram marcados pela pobreza, atenuada apenas pela ajuda de amigos e admiradores americanos e europeus.

Em 1884, Whitman adquiriu uma casa em Camden, New Jersey. Quatro anos depois, sofreu um novo ataque de paralisia e viu publicados 62 novos poemas sob o título *November Boughs* (1888). Ainda nesse ano foi publicado *Complete Poems and Prose of Walt Whitman*.

Em 1889 surgiu a oitava edição de *Leaves of Grass*, no ano seguinte o escritor começou a preparar a sua nona edição, publicada em 1892.

Whitman morreu no dia 26 de março de 1892 e foi sepultado em Camden, New Jersey.

Cinco anos depois foi publicada em Boston a décima edição de *Leaves of Grass* (1897), a que se juntaram os poemas póstumos “*Old Age Echoes*”.

Nos seus poemas, Walt Whitman elevou a condição do homem moderno, celebrando a natureza humana e a vida em geral em termos pouco convencionais.

Em *Leaves of Grass*, Whitman exprime em poemas visionários certo panteísmo e um ideal de unidade cósmica que o Eu representa. Profundamente identificado com os ideais democráticos da nação americana, Whitman não deixou de celebrar o futuro da América.

Curiosamente torna-se popularmente divulgado ao mundo, a partir das citações inseridas no enredo do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, em que figura trecho do poema “*Captain, My Captain*”, escrito depois do assassinato do presidente Abraham Lincoln. No poema original, repetidas referências metafóricas são feitas a esta questão durante todo o verso, além de métrica convencional e rimas, então incomuns ao autor. O navio mencionado é tido como sua intenção de representar os Es-

“Nos seus poemas, Walt Whitman elevou a condição do homem moderno, celebrando a natureza humana e a vida em geral em termos pouco convencionais”

tados Unidos da América, ao tempo em que a *viagem terrível*, certamente lembra os problemas da guerra civil americana. O personagem titular *Capitão* é o próprio Lincoln. Na série “*No Fim do Mundo*”, alguns poemas de *Leaves of Grass* são lidos na rádio local, originando uma rusga entre o locutor e o proprietário da rádio, a propósito das supostas inclinações sexuais de Whitman e da conotação sexual da obra.

O grande poeta português Fernando Pessoa escreveu um poema de nome “*Saudação a Walt Whitman*” na lavra do seu heterônimo Álvaro de Campos. Este talvez reflita, mais que admiração, a projeção limpa e desinibida de uma identificação sexual quimérica, facilitada por uma outra, intelectual e real.

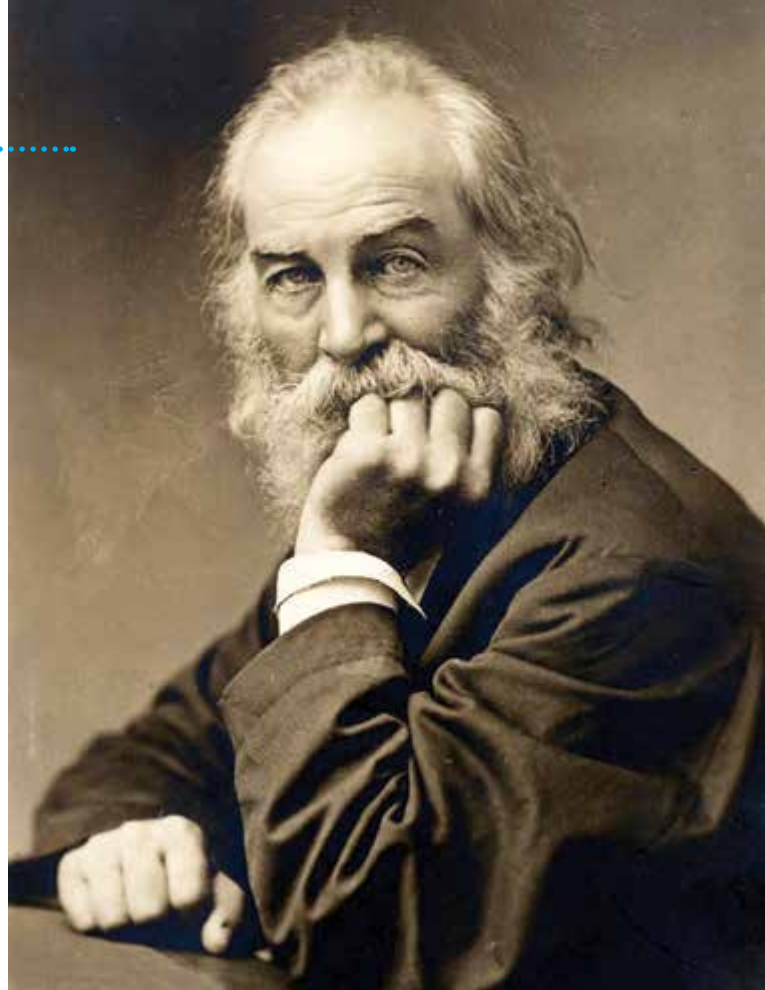
Vida

Sempre a indeseñorada alma do homem
resoluta indo à luta.
(Os contingentes anteriores falharam?
Pois mandaremos novos contingentes
e outros mais novos.)
Sempre o cerrado mistério
de todas as idades deste mundo
antigas ou recentes;
sempre os ávidos olhos, hurras, palmas
de boas-vindas, o ruidoso aplauso;
sempre a alma insatisfeita,
curiosa e por fim não convencida,
lutando hoje como sempre,
batalhando como sempre.

*Sermões e lógicas jamais
convencem
o peso da noite cala bem
mais fundo em minha alma*

Estão Todas as Verdades à Espera em Todas as Coisas

Estão todas as verdades
à espera em todas as coisas:
não apressam o próprio nascimento
nem a ele se opõem,
não carecem do fórceps do obstetra,
e para mim a menos significativa
é grande como todas.
(Que pode haver de maior ou menor
que um toque?)
Sermões e lógicas jamais convencem
o peso da noite cala bem mais
fundo em minha alma.
(Só o que se prova
a qualquer homem ou mulher,
é que é;
só o que ninguém pode negar,
é que é.)
Um minuto e uma gota de mim
tranquilizam o meu cérebro:
eu acredito que torrões de barro
podem vir a ser lâmpadas e amantes,
que um manual de manuais é a carne
de um homem ou mulher,
e que num ápice ou numa flor
está o sentimento de um pelo outro,
e hão de ramificar-se ao infinito
a começar daí
até que essa lição venha a ser de todos,
e um e todos nos possam deleitar
e nós a eles.



Das Pessoas que Atingem Posições Elevadas

Das pessoas que atingem posições elevadas,
cerimônias, riqueza, erudição, e similares:
para mim tudo isso a que chegam tais pessoas
afunda diante delas — a não ser quando acrescenta
um resultado qualquer para seus corpos e almas —
de modo que elas muitas vezes me parecem
desajeitadas e nuas, e para mim
uma está sempre zombando das outras
e a zombar dele mesmo ou dela mesma,
e o cerne da vida de cada qual
(a que se dá o nome de felicidade)
está cheio de pútrido excremento de larvas,
e para mim muitas vezes esses homens e mulheres
passam sem testemunhar as verdades da vida
e andam correndo atrás de coisas falsas,
e para mim são muitas vezes pessoas
que pautam as suas vidas por um hábito
que a elas foi imposto, e nada mais,
e para mim é gente triste muitas vezes,
gente afobada, estremunhados sonâmbulos
tateando no escuro.

Poemas coligidos de: Walt Whitman, Leaves of Grass; Folhas de Erva – antologia, seleção e tradução de José Agostinho Batista – Assírio e Alvin Editora, Lisboa, 2003; Folhas de Relva I, onde constam Inscrições e Partindo de Paumanok, traduzidos para o português por Gentil Saraiva Júnior, publicado em 19 de dezembro de 2013.



“O grito” (1893), Edward Munch

O conhecimento da arte é útil ao médico?



Miguel Carneiro de Moura
Professor Catedrático Jubilado da
Faculdade de Medicina da
Universidade de Lisboa.

Aceitei com gosto o convite do meu amigo Prof. Heitor Rosa, distinto hepatologista e ilustre escritor, porque o tema medicina e arte sempre me interessou. A arte prolonga a experiência empírica das coisas, o que faz com que muitas formas artísticas busquem inspiração em estados de alma e males do corpo, em doenças, no sofrimento, na loucura e em outros desvios do comportamento humano. Tal como as expressões da cultura artística são atos individuais de criação, também a medicina, como arte, corporiza uma ligação singular do médico com o doente, que faz o médico perceber o que não se vê e cuidar do doente para lá do efeito esperado dos fármacos ou de outra intervenção terapêutica. A medicina constrói pontes entre culturas aparentemente distintas: as artes e as humanidades, por um lado, e as ciências e as tecnologias, por outro. Isso talvez explique que quando lhe perguntaram: “o que gostaria de ser se não pudesse ser médico”, Egas Moniz, neurologista português famoso e Nobel de Medicina, tenha respondido: “pintor, se para tanto tivesse habilidade”.

Constato desde há muitos anos a frequência com que os médicos desfrutam os concertos de música clássica ou gostam de jazz, os que não perdem uma ópera. Há, na realidade, uma aproximação entre os médicos e as várias expressões da arte, o que leva a pensar que os médicos não só gostam como intuitivamente sentem que o prazer das artes e a sua fruição lhes aumentam as capacidades clínicas. Nos retratos dos professores da Escola Médico-Cirúrgi-



ca, pintados por Columbano, que se encontram nas salas do Conselho Diretivo da Faculdade de Medicina de Lisboa, há um pormenor que os singulariza do ponto de vista iconográfico: Columbano não acrescentou quaisquer instrumentos da clínica ou da investigação com que habitualmente são caracterizados os médicos, mas apenas o livro, o livro associado à divulgação do saber científico, mas também à literatura e às artes plásticas numa referência explícita à tradição humanística da medicina.

É inegável que há propensão dos médicos para tratarem assuntos alheios à medicina e as várias expressões da arte, talvez como uma maneira de se refugiarem ou aliviarem tensões pelo contato direto e constante com o sofrimento. Nas sociedades multirraciais é importante o médico entender as diferenças culturais dos doentes, e este entendimento pode ser valorizado pela experiência da arte, um concerto, um belo quadro, um grande livro. Recordo a espantosa retrospectiva de Edward Munch no Centro Pompidou, em Paris¹, ou mais recentemente Van Gogh/Antonin Artaud, no Museu Orsay.² “O grito” (1893), de Munch, é talvez o quadro mais reproduzido da história da pintura. O que muitos não conhecem é o que o autor escreveu sobre ele: “Uma noite, passeava eu ao longo de um caminho... Estava cansado e doente, parei e olhei o fiorde, o sol estava a pôr-se, as nuvens coloridas de vermelho como sangue. Senti um grito que passava através da natureza. Parecia-me que ouvia esse grito”. Não muito longe deste estado de desespero estaria Van Gogh e o seu famoso “Campo de Trigo” de onde levanta voo um bando de corvos, quadro pintado antes de morrer em junho de 1890, é dolorosa a antecipação do seu fim próximo. Os pássaros negros, as espirais que no céu desenhavam um labirinto assustador são imagens da sensação que ele descrevia de um pássaro prisioneiro numa gaiola, incapaz de voar livremente.

Para compreender esta “humanidade ferida” não bastam as estatísticas ou os dados da revisão Cochrane sobre múltiplos ensaios

Há uma frase que gostava de dizer aos meus alunos na Faculdade de Medicina, a propósito da consulta médica. O doente deve sair da consulta melhor do que quando entrou, o que muitas vezes não depende do tratamento e dos conhecimentos do especialista, pode ter um cancro avançado ou outra doença fatal, mas, se o médico o ouvir e lhe der apoio, isso pode acontecer. Do “Diário” de Miguel Torga, médico e grande escritor,

retirei a seguinte passagem: “Os segredos que vivem sepultados nas quatro paredes deste consultório... Modesto e atribulado servidor de uma religião temporal vieram-me ter às mãos as dores mais

lancinantes, as intimidades mais recônditas, as dúvidas mais inquietantes. E para todas eu tive de arranjar esperança! Do saco vazio da minha pobreza individual fui obrigado a tirar remédios milagrosos, otimismo, fé, ilusões”.³

É essencial “conhecer o doente que tem a doença” e não só diagnosticar a doença. Li algures a propósito de doentes que se trata da humanidade ferida. Para compreender esta “humanidade ferida” não bastam as estatísticas ou os dados da revisão Cochrane sobre múltiplos ensaios. O doente que está na nossa frente precisa o melhor e mais atual conhecimento científico, mas para o seu tratamento necessita também de algo mais. Alguns pedagogos defendem que a aprendizagem e o contato com as artes, principalmente pintura, literatura e música, deviam fazer parte do currículo médico. É uma experiência rara, mas nas Escolas Médicas de influência anglo-saxônica (como Harvard, MIT, Oxford) são com frequência incluídas disciplinas optativas relacionadas com as artes, integradas no ensino dos alunos. A própria arte pode ter um valor terapêutico importante.⁴

A ópera é a mais grandiosa das artes de espetáculo, combinando todos os grandes poderes do canto, da música instrumental, do teatro, da dança e da composição visual. É ilimitado o engenho com que os compositores conseguem ajustar a sua música aos extremos e à sutileza da emoção humana, e é nisso que reside a força da ópera. Em certas óperas há momentos em que se descreve com detalhe e particular emoção situações clínicas ou comportamentos psíquicos que levam à doença ou à morte. A ópera é, de muitas maneiras, o meio artístico mais extraordinário dos últimos quatrocentos anos.⁵ É claramente irrealista, os artistas cantam quase todo o tempo, ilustra, contudo, a paixão e a dor humana com um poder e um drama inexcedíveis. A maioria do repertório das óperas mais populares foi escrito no que parece ser um passado remoto europeu, em circunstâncias muito diferentes das do nosso mundo, mas a ópera continua exuberante e a ser um extraordinário desafio. As encenações mais modernas começam a incluir as outras artes.⁶ Wagner falava já na obra de arte total (“Gesamtkunstwerk” em alemão). O compositor procura aproximar-se desse ideal: escreve os libretos das suas óperas, concebe uma arquitetura particular para a sua apresentação, considerada como uma experiência quase religiosa (Bayreuth). A ópera, pelas suas características especiais, continua ainda hoje a transformar as pessoas, quer emocional quer intelectualmente, e a modular a experiência humana de uma forma que as outras manifestações artísticas não podem equalizar.



"Campo de Trigo" de Van Gogh

A concluir, apresento três vinhetas preferidas como melômano de ópera para ilustrar a importância que esta pode ter na compreensão do homem que está doente e que sofre, muitas vezes, não só a doença mas também a solidão, a exclusão, a indiferença da sociedade.

"Lucia di Lammermoor" (1835), adaptação da novela de Walter Scott, é a ópera mais conhecida de Gaetano Donizetti, exemplo do chamado "bel canto".⁵ A intriga envolve dois clãs rivais na Escócia do século XVII, Lucia é obrigada pelas maquinacões do irmão Enrico a abandonar o noivo, Edgardo, representante da família odiada, e a casar por razões de interesse com Lord Arturo. Na noite do casamento, para surpresa e horror de todos os convidados, Lucia aparece ensanguentada depois de apunhalar o marido no leito nupcial. Está muito perturbada e fantasia que vai casar com Edgardo. "*Alfin son tua*". A famosa cena da loucura é um momento único de ópera, de enorme impacto dramático e musical. A coloratura é a expressão do desarranjo mental de Lucia. Maria Callas, uma grande "Lucia", costumava dizer às principiantes que se deve dar a noção desde o primeiro momento da ópera que Lucia não está psicologicamente bem.⁷

Puccini compôs "La Bohème" (1895), baseado no romance de Henri Murger que aborda a boêmia parisiense. Uma ópera das "pequenas coisas". A composição musical, de grande intensidade lírica, é concebida de forma magnífica para os efeitos teatrais. Mimi, jovem bordadeira, é a protagonista. Exprime-se discretamente, sem grandes queixas ou revoltas. Nessa ópera não há nenhuma intriga amorosa ou personagem malvada, os golpes do destino aparecem na forma da doença grave, a tuberculose. É bom ser jovem, livre e até pobre, mas saudável. A doença fatal é um problema de adultos. A sensibilidade de Puccini e dos libretistas ao apresentar este elemento da história, a reação dos jovens a uma doença devastadora e incurável torna "La Bohème" uma tragédia intemporal.⁸ A minha geração recorda o impacto brutal da Sida na população jovem de São Francisco nos anos 1980. Rodolfo, o poeta, adora Mimi, mas não pode ignorar o

agravamento da doença. No ato III, quando Marcello, o pintor, o questiona por que vai deixar Mimi, Rodolfo confessa a verdade: "*Mimi è tanto malata... è condannata*". No final da ópera Mimi adormece e morre. Schaunard, o músico, é o primeiro a aperceber-se: "*È spirata*".⁹ A música muda subitamente, aparece um motivo sinistro. Rodolfo repete desesperadamente o nome de Mimi. A ópera termina com todos numa posição de grande tristeza e impotência.

A última vinheta é a ópera "Wozzeck" (1925), de Alban Berg. Inspirando-se numa peça inacabada do dramaturgo Georg Büchner, Berg leva o realismo mais longe que os seus predecessores. Wozzeck é um anti-herói. A sua instabilidade psíquica é profundamente moderna, reflete as angústias geradas no início do século. Soldado, suplementa o magro salário com tarefas menores para um capitão sádico e serve de cobaia para as experiências médicas do doutor.¹⁰ A opacidade que o rodeia não lhe dá outra saída que a humilhação "*il court comme un vrai rasoir sur le monde et on se couperait à le toucher*". A música genial de Berg não procura a beleza, cultiva, pelo contrário, a dissonância. É através dela que atinge a verdade, porque a realidade não é harmoniosa. Mergulha nos "demónios interiores" das suas personagens. No final, Wozzeck assassina a companheira Marie e afoga-se num lago, é perturbador. Obra-prima do século XX, de extraordinária influência no mundo musical.

O conhecimento da arte, e particularmente a música e as artes plásticas, pode ajudar a formação do médico e ser útil na realidade clínica

Os meus comentários e exemplos não têm a pretensão de constituir evidência para apoiar a resposta à questão levantada no título. Sou da opinião de que o conhecimento da arte, e particularmente a música e as artes plásticas, pode ajudar a formação do médico e ser útil na realidade clínica, na sociedade atual, de enorme progresso científico, em que as novas formas de comunicação que o esmagam (computadores, smartphones, iPad, Facebook) podem fazer esquecer a sua faceta humanística.

Referências

1. Edvard Munch, L'Œil Moderne. 2011, Centre Pompidou, Paris.
2. Van Gogh/ Artaud, Le Suicidé De La Société. 2014. Catalogo da Exposição, Musée d'Orsay, Paris.
3. Torga, Miguel. Diário, vols. I-VIII, 1999. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
4. Sachs, Oliver. Musicophilia. Tales of Music and the Brain. 2007. Knopf, New York, Toronto.
5. Abbate, Carolyn, Parker, Roger. A History of Opera : The Last Four Hundred Years, 2012, Allen Lane, Penguin Books.

6. Merlin, Christian. Opéra et Mise en Scène. 2007. L'Avant Scène Opéra n° 241.
7. Mendelsohn, Daniel. Looking for Lucia , 2007 New York Times Review of Books, November 22.
8. Tommasini , Anthony. Essential Library Opera. 2004, Times Books, NY.
9. Melo Cristino, José. A Medicina e a Ópera In Medicina e Outras Artes , Forum Gulbenkian de Saúde 2006/2007, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
10. Willich , Stefan. Physicians in Opera- Reflection of Medical History and Public Perception, BMJ 2008;333:1333.

Boletim SBH

Entrega de título de Professor Emérito



Professor Carlos Sandoval Gonçalves recebe das mãos do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, professor Reinaldo Centoducatte, o diploma de Professor Emérito, como reconhecimento à sua destacada contribuição ao ensino de graduação e pós-graduação, bem como à assistência na área de saúde.

A cerimônia de entrega do diploma ocorreu no dia 15 de agosto de 2014 no auditório Rosa Maria Costa Rêgo Paranhos no Centro de Ciências da Saúde, em Vitória. O homenageado é nosso querido colega Sandoval, ex-presidente da SBH, um clínico exemplar, um didata contumaz e um crítico ferrenho do uso inadequado de vários termos na área médica. Parabéns, Sandoval, você merece esse honroso título em reconhecimento a toda uma vida de dedicação ao ensino e à assistência. Nós, da SBH, estamos felizes e honrados por termos entre nós pessoas da sua estirpe!

Incentive o diagnóstico da Hepatite C Dia Mundial das Hepatites A Luta Continua!

SE VOCÊ TEM PACIENTES NASCIDOS ENTRE

1945 & 1970

Isto é com você!

HEPATITE C

Silenciosa e Perigosa

PEÇA O TESTE!



A campanha oficial da Sociedade Brasileira de Hepatologia, que contou com o apoio da Associação Médica Brasileira e da Sociedade Brasileira de Infectologia, foi lançada em Salvador - BA, em 22 de julho, aproveitando o ensejo da realização do congresso Hepatologia do Milênio. Foram convidados e compareceram (tivemos uma excelente adesão) jornalistas representantes de vários periódicos de todo o Brasil. O Pre-

sidente da SBH (Edison R. Parise) explicou a importância da doença e do seu diagnóstico, expondo os motivos da campanha que estimula os pacientes com 45 anos ou mais e os médicos que atendem pacientes nascidos entre 1945 e 1970 a solicitar o teste da hepatite C, visto que 70% dos pacientes infectados encontram-se nessa faixa etária. Participaram do evento os Drs. Erico Arruda, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia, e Raymundo Paraná, presidente do Congresso, além do Sr. Carlos Varaldo, presidente do Grupo Otimismo. Apresentados os dados da campanha, foram geradas diferentes matérias nos meios de comunicação, principalmente em jornais impressos e *on-line*.

De 22 de julho a 29 de julho, foram divulgadas notícias referentes às hepatites nos principais periódicos brasileiros, como O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo, Correio Brasiliense, Tribuna da Bahia, Correio, Jornal do Commercio e vários outros – perfazendo um total de 70 periódicos, com capacidade para atingir 63.129.254 leitores. A campanha continua com a distribuição de panfletos nos encontros médicos de não especialistas, ao longo do Brasil, sendo distribuídos também pela AMB e SBI e disponibilizados nos sites das entidades e da SBH. Também estão sendo programadas ações de detecção da hepatite C através do teste rápido da hepatite C nos estados do Nordeste, onde a SBH está instalando os novos centros de referência em doenças do fígado.

Já cadastrou seu consultório?

- A SBH mantém em seu site uma sessão destinada à divulgação de endereço e telefone dos consultórios de seus associados em qualquer cidade brasileira.
- Trata-se de um serviço de utilidade pública. Participe!
- Verifique no site se você já está cadastrado. Cadastre-se ou atualize seus dados!

Sócio titular participa do processo eleitoral

- A progressão de sócio iniciante/associado para titular **NÃO É AUTOMÁTICA!**
- Após cinco anos de exercício comprovado na área de hepatologia, peça seu *upgrade* para titular!
- O sócio titular tem a vantagem de participar ativamente da vida da SBH, podendo votar e ser votado.

Centros de referência em doenças do fígado

A meta da diretoria da SBH é expandir os Centros de referência para as doenças do fígado pelo País para aumentar o diagnóstico e promover o tratamento das doenças hepáticas. Estamos iniciando pela região Nordeste, onde estão sendo desenvolvidas diversas atividades:

- **Diagnóstico da hepatite C.** Já conseguimos a doação de testes rápidos para diagnóstico. Parte já está sendo utilizada na Paraíba, em Alagoas e no Rio Grande do Norte. Outros Estados, que estão se desenvolvendo, serão apoiados pela SBH para fazer esse teste diagnóstico em mutirões. Nos mutirões, há o serviço de panfletagem e a divulgação na mídia local da campanha de incentivo ao diagnóstico nos indivíduos com 45 anos ou mais.

- **Formação/treinamento técnico de hepatologistas** no manejo dos testes não invasivos e na elastometria em centros de referência, inicialmente em São Paulo e, depois, em outros centros do Brasil. Haverá a cessão de aparelhos de elastometria pela SBH em regime de mutirão mensal nos estados (iniciamos pela Paraíba e já chegamos a Rio Grande do Norte e Alagoas). Fazem parte desse *kit* um aparelho fixo e dois aparelhos portáteis, e esperamos conseguir um segundo *kit* em breve, o que nos permitirá acelerar a implantação no NE.
- **Vacinação para hepatite B** em pacientes com hepatopatia e população adulta. Através de convênio com o Departamento de DST-AIDS e Hepatites.

Bolsa de estudos para intercâmbio na Itália



A SBH e a Fondazione Italiana Fegato (FIF) firmaram acordo de intercâmbio na área de Medicina Translacional, particularmente em doença hepática alcoólica e não alcoólica e carcinoma hepatocelular. O estágio com duração de 12 meses será oferecido a médicos selecionados pela SBH e pela FIF e aprovados pela Capes. Os candidatos interessados devem enviar seus currículos à SBH.

Aconteceu



Monotemático Internacional – Métodos não Invasivos para avaliação de fibrose hepática

No dia 23 de julho no Hotel Pestana, Salvador (BA), precedendo o Congresso Hepatologia do Milênio.

Na primeira sessão do monotemático, coordenada por nosso vice-presidente Claudio G. de Figueiredo Mendes (RJ) e pelo ex-presidente e fundador da Apef, Hoel Sette Júnior (SP), par-

ticiparam como palestrantes Paulo R. Abrão Ferreira (SP), Ana Claudia de Oliveira (SP) e Rui Tato Marinho (Portugal). *Na foto, da direita para a esquerda.* Foram relatores dessa sessão Arnaldo de Jesus Dominici (MA) e Marcelo Portugal de Souza (BA).

A reunião foi um sucesso de público, com 786 participantes. O monotemático será motivo de uma edição especial da Revista da SBH que abordará a utilização dos métodos não invasivos em hepatologia.

VII Encontro Internacional de Hepatologia



O evento científico que reúne duas prestigiadas universidades do Brasil e da Espanha teve a coordenação de Flair José Carrilho (SP), Pèrre Ginès (Espanha) e Ana de Lourdes Martinelli (SP) e aconteceu de 28 a 30 de agosto 2014, no Centro de Convenções Rebouças, São Paulo. Acesse www.hepatouspbarnelona.com.br

ATIVIDADES PRÓPRIAS DA SBH

- **Elaboração de Diretrizes para Doenças Colestáticas e Auto-ímmunes**
17/10 - São Paulo - SP
- **Fórum de Jovens Pesquisadores da SBH**
18/10 - São Paulo - SP

AGENDE-SE PARA ESTES GRANDES EVENTOS

- **AASLD - The Liver Meeting** - 7 a 11/11 Boston- USA. Sempre há novidades!
- **SBAD - Semana Brasileira do Aparelho Digestivo** - 22 a 25/11 Rio de Janeiro - RJ
A SBH participa da SBAD deste ano, organizando atividades extremamente atuais e práticas para os interessados em doenças do fígado.
- **8º Paris Hepatitis Conference - "International Conference on the Management of patients with Viral Hepatitis"** - 12 a 13/01/15. Organizada por Patrick Marcellin. Programme-se para curtir o inverno na charmosa Paris!

Os mais recentes

VII Workshop Internacional de Atualização em Hepatologia. Esse evento, em terras paranaenses, tem sido realizado graças aos esforços e sob a coordenação de Dominique Muzilo, ativa participante da SBH. Acontece nos dias 29 e 30 de agosto, no Centro de Convenções do Hotel Pestana, Curitiba.

XXIII Congreso de la Asociación Latinoamericana para el Estudio del Hígado (ALEH), de 11 a 13 de setembro de 2014, no Hotel Fiesta Americana, em Cancun, México. Sob a presidência de Nahum Mendes Sanchez. Mais informações no site www.aleh2014.com



II Simpósio de Hepatologia do Nordeste

A Sociedade Brasileira de Hepatologia realiza o II Simpósio de Hepatologia do Nordeste, que acontecerá em João Pessoa, no Hotel Tropical Tambaú, de 25 a 27 de setembro de 2014. Precedendo o Simpósio, teremos as discussões para elaboração da Diretriz de Carcinoma Hepatocelular. Nos dias seguintes, haverá extensa programação abordando temas relacionados à hepatologia, inclusive com simpósios-satélites sobre novos medicamentos para a hepatite C. Também nesse evento será realizado um curso básico multiprofissional para diagnóstico e acompanhamento das hepatites virais. Esse curso é uma iniciativa conjunta da SBH e da SBI e é destinado a médicos e profissionais não médicos da atenção primária, focando o manejo e o diagnóstico das hepatites virais.



Lançamento Congresso Brasileiro de Hepatologia 2015

Em 22 de agosto houve o lançamento oficial do Congresso da SBH 2015. O Presidente da SBH, Edison Parise, expõe o plano geral do Evento para os vários laboratórios convidados, que demonstraram grande interesse em participar.



São Paulo será sede do Congresso da SBH de 2015 que será realizado no Centro de Convenções do WTC, entre os dias 30/09 e 03/10/2015. Como já é tradicional na SBH vários cursos devem ocorrer precedendo o Congresso. Dentre eles destaca-se o **Simpósio Internacional: “Alcool, Vírus e Esteatose evoluindo para Câncer”** - Em parceria com o NIH em nível de pós-graduação irá aprofundar seus conhecimentos trazendo as mais recentes aquisições sobre os temas, desenvolvidos pelos melhores especialistas do mundo. Seu programa já está elaborado e entre os 25 palestrantes confirmados, a grande maioria dos Estados Unidos e Europa destacam-se: ARUN SANYAL (USA), RAMON BATALLER (Espanha), PHILIPPE MATHURIN (França), BARBARA MASON

(USA), DETLEF SCHUPPAN (Alemanha), JOSEPH LLOVET (Espanha), CLAUDIO TIRIBELLI (Itália), HELENA CORTEZ PINTO (Portugal), MARINA BERINGUER (Espanha). Abaixo os principais temas a serem abordados como “state of art” ou seja conferências magnas durante o Simpósio.

- Doença hepática alcoólica *versus* hepatite alcoólica;
- Atualização no tratamento da hepatite alcoólica;
- Novos alvos terapêuticos para a esteatohepatite;
- Manejo da hepatite C no transplante hepático;
- Atualização no tratamento da fibrose causada por álcool, obesidade ou vírus;
- Perspectivas atuais e futuras do tratamento do carcinoma hepatocelular.

Curso de Atualização em Hepatologia – Atualização das principais doenças do fígado, com a participação de excelentes professores nacionais.

Interações entre Hepatologia e Clínica Médica – Na doença hepática o acometimento de diferentes órgãos e sistemas, além do tubo digestivo, tais como cérebro, rins, pulmões, coração, etc. exige interação entre os especialistas.

Hepatologia Pediátrica e Transplante Hepático na criança A importância de manter e incentivar o interesse dos pediatras pela Hepatologia.

Cirurgia do Fígado e Transplante Hepático – Preservando a tradição de ser um fórum para discussão dos problemas e avanços da cirurgia hepática e do transplante de fígado.

Simpósio Latinoamericano sobre Hepatites Virais – Será realizado no início do Congresso em parceria com a Sociedade Latino-americana para o Estudo do Fígado (ALEH) ampliando os limites geográficos do nosso Congresso. Compareçam!

II Simpósio de HEPATOLOGIA do Nordeste



25 a 27 de
Setembro
2014



Hotel Tropical Tambaú
João Pessoa - PB

Inscrições e informações:

www.sbhepatologia.org.br

Plenitude eventos:

eventos2@plenitudeeventos.com

Tel. (11) 3714 - 3558 / 3763 - 7627

Inscrições:

Sócio da SBH R\$80,00

Residente

Estudante R\$50,00

Pós-graduado

Médico não sócio R\$150,00